ESCRITORAS NEGRAS BAIANAS: TÁTICAS DE (RE) EXISTÊNCIA NO MERCADO EDITORIAL¹

BLACK BAHIAN WOMEN WRITERS: TACTICS OF (RE) EXISTENCE IN THE EDITORIAL MARKET

Jailma dos Santos Pedreira Moreira²
Taise Campos dos Santos Pinheiro de Souza³

RESUMO: O presente trabalho reflete sobre modos de produção e circulação de textos de escritoras negras baianas. Com isso, buscamos perceber os sentidos que atribuem para o literário, as ferramentas criadas para produzir, publicar, circular e distribuir suas obras. Verificamos que as escritoras pesquisadas encontram diversas dificuldades nesse processo. Tal fato ocorre por conta de um sistema de exclusão que abarca as variáveis: gênero, raça, classe e região. Apesar das formas de interdições que se refletem na dificuldade de materialização do livro, tais escritoras criam táticas que facilitam a chegada de seus textos a um público leitor e põem em questão uma cultura capitalista, patriarcal e etnocêntrica. Isso demonstra o quanto estas escritoras, pouco visibilizadas, têm resistido e criado linhas de fuga perante sistemas de coerção que as aprisionam. Utilizamos como base teórica autores como Eduardo Duarte (2005), Ana Santiago (2012), Miriam Alves (2010), Jailma Moreira (2015), Fredric Jameson (2004), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Gênero. Raça. Mercado.

ABSTRACT: The present work reflected on modes of production and circulation of texts by black women writers from Bahia. With this, we seek to perceive the meanings they attribute to the literary, the tools created to produce, publish, circulate and distribute your works. We found that the researched writers found several difficulties in this process. This is due to an exclusion system that includes the variables: gender, race, class and region. Despite the forms of interdictions that are reflected in the difficulty of materializing the book, such writers create tactics that make it easier for their readers to reach their readers and they call into question a capitalist, patriarchal and ethnocentric culture. This demonstrates how these writers, little seen, have resisted and

¹ Artigo recebido para avaliação em 15/05/2020 e aceito para publicação em 05/07/2020.

² Professora pós-doutora do curso de Letras da UNEB-Campus II, bem como do Mestrado em Crítica cultural da mesma instituição. E-mail: jailmapedreira@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6201-1499>.

³ Mestra em Crítica cultural, pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB. E-mail: taimelcampos18@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7739-8454>.

created lines of escape in the face of systems of coercion that imprison them. We used as a theoretical basis authors such as Eduardo Duarte (2005), Ana Santiago (2012), Miriam Alves (2010), Jailma Moreira (2015), Fredric Jameson (2004), among others.

KEYWORDS: Literature. Gender. Race. Market.

Introdução

Como pensar sobre a arte, inclusive a literária, e em seus modos de produção, no contexto atual? Ou seja, como pensar a arte literária em meio ao capitalismo que, como um dispositivo, modela e infunde no material, no plano da infraestrutura, uma lógica cultural, interceptando, assim, outros modos de produção resistentes a essa lógica, outros modos de vida? Como se dá esse movimento de tensões no plano econômico e cultural? Essa é uma questão que nos interessa, pois não podemos pensar a cultura, a literatura, sem pensar nas realidades cotidianas de exclusão, opressão de agentes e produtores literários/culturais, via mecanismos capitalísticos.

Fredric Jameson (2004) afirma que o cultural, o pós-moderno formam aspectos influentes desse novo estágio do capitalismo tardio, que funde infraestrutura e superestrutura. Por isso, ao tratar do cultural não estamos falando isoladamente de formas culturais autônomas, organizadas em sociedade, mas, a partir desse olhar, percebemos que as tensões, as interceptações, a lógica do capitalismo tocam-nas, perpassam-nas.

Desse modo, um produto é condicionado pelos significados que lhes atribuem e por uma lógica simbólica que determinará o seu valor econômico, a partir de uma série de significações e discursos construídos em torno dele. Sendo assim, quais seriam as construções simbólicas formadas em torno da produção de escritoras negras? Podemos perceber que o valor simbólico e os usos que são feitos de um produto dependerão de sujeitos sociais específicos, seus interesses e suas demandas, evidenciando que todo e qualquer processo de produção está rodeado de jogos de significações e de relações de poder circunscritas em seu bojo. Diante disso, é importante salientar que:

O produto que chega ao seu mercado de destino constitui uma objetificação de uma categoria social, e assim ajuda a constituir esta última na sociedade; em contrapartida, a diferenciação da categoria aprofunda os recortes sociais de sistemas de bens. O capitalismo não é pura racionalidade. É uma forma definida de ordem cultural; [...] (SAHLINS, 2003, p. 206).

Destarte, podemos compreender por que são encontradas tantas dificuldades no processo de produção escrita de mulheres negras, não havendo abertura do mercado para os processos de produção e publicação de suas obras, bem como para a sua ampla circulação. O mercado é capitalista, e este define uma ordem cultural, que, como sabemos, é historicamente hegemônica, europeizada, elitista. Diante disso, como custear os livros? Como fazê-los circular? Como viabilizar suas atividades artísticas e culturais? São perguntas que emergem da situação que analisamos.

Como demonstra a pesquisa realizada por Ana Rita Santiago (2010), a invisibilização de escritoras negras é intensa em nossa literatura brasileira, especificamente tratando-se de escritoras negras baianas. Além das questões tocantes ao gênero e a raça, ainda existe a dúvida e negação dessa produção literária na região do nordeste e da Bahia. A autora evidencia:

[...] a invisibilização, a que são submetidas escritoras negras, não é um evento sem razões. Ao contrário, entendem-se as relações étnico-raciais e de gênero presentes em segmentos acadêmicos e literários. Mesmo ausentes da literatura instituída e de agenciamentos literários, elas escrevem, publicam e tensionam as interdições de suas vozes, abalando discursos cerceadores sobre si e suas africanidades (SANTIAGO, 2010, p. 26).

Como mostra a pesquisadora, apesar das restrições a que têm estado sujeitas, essas mulheres resistem. E como resistem? Por meio da escrita, de táticas que criam para produzir e fazer circular seus textos, suas vozes.

Impasses em produções literárias inscritas sob o gênero e a raça

Em seu artigo *Literatura e Afrodescendência*, Eduardo de Assis Duarte (2005) afirma que, desde o período colonial, os afro-brasileiros atuam em esferas da produção artística, entre elas a literatura, mas sem o devido conhecimento e reconhecimento:

Desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido. No caso da literatura, essa produção sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos, circulou muitas vezes de forma restrita, em pequenas edições ou suportes alternativos. Em outros casos, existe o apagamento deliberado dos vínculos autorais e, mesmo, textuais, com a etnicidade africana ou com os modos e condições de existência dos afro-brasileiros, em função do processo de miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória desta população (DUARTE, 2005, p.113-114).

Augusta Schmidt (2011) também chama a atenção para o fato de que os escritores negros ainda trabalham sem recursos, enfrentam dificuldades de mercado e, na maioria das vezes, fazem edições autofinanciadas, o que dificulta o alcance do grande público e contribui para a reduzida visibilidade desses escritores.

Essas dificuldades ainda são enfrentadas no processo de outra produção desviante dos padrões homogêneos e hegemônicos, a produção feminina. Isso pode ser visto em *Histórias da Editora Mulheres*, de Zahidé Muzart (2004), que mostra as demandas e dificuldades encontradas no percurso da edição e publicação de escritos femininos. O resgate de textos e vozes femininas do século XIX foi que deu origem à Editora Mulheres e, mais uma vez, mostrou como a negação do reconhecimento da mulher, enquanto sujeito da escritura, já vem de longas datas.

Muzart, idealizadora do projeto e uma das fundadoras da editora, aponta as dificuldades encontradas nesse microempreendimento, voltado aos estudos da mulher e de gênero: “Lutamos

sempre com as gráficas, as livrarias, com os distribuidores! Lutamos com a constante falta de dinheiro, porém muito mais com a permanente falta de respeito”. (MUZART, 2004, p.104).

Como vemos, os problemas que envolvem uma editora chamada Mulheres, dirigida por mulheres, são muitos e surgem de um ponto principal: o preconceito de gênero e a descrença na capacidade de atuação do sujeito feminino.

Em entrevista concedida a Jailma Moreira (2012) para a Revista *Pontos de Interrogação*, Muzart afirmou que a dificuldade inicial era a falta de respeito com o nome da Editora Mulheres, em seguida, por ser uma editora de pequeno porte, enfrentavam vários problemas, entre os quais se destaca o da distribuição. Quando Muzart é questionada sobre o percurso da produção de mulheres dentro da cadeia produtiva de distribuição e circulação, diz:

Quanto ao campo editorial e mercadológico posso dizer que não há uma distribuição e uma circulação ampla e democrática. Basta procurar a produção feminina em livrarias, em sites especializados. Há sempre uma dificuldade desses livros terem divulgação e, conseqüente circulação. Ou vice-versa. Nesse sentido, é rompida a cadeia produtiva (MUZART *apud* MOREIRA, 2012, P.319).

Assim, concebendo o gênero como uma construção sociocultural, como nos afirma Guacira Louro(1997), e associando-o a outros fatores de hierarquização das relações em sociedade, compreendemos que existem sujeitos subalternizados engendrados em várias categorias de exclusão e exercícios de poder de formas diferenciadas.

Para a mulher, visivelmente negra, autoproclamada negra, essa subalternização se intensifica por marcadores que compõem a nossa cadeia social. Assim, ao juntarmos as variáveis de gênero, raça e, por vezes, a de classe perceberemos o que constata Ana Rita Santiago:

Produções literárias de mulheres negras ainda estão ausentes, consideravelmente, de inventários da literatura feminina e de diversas instâncias acadêmicas, artísticas e culturais em torno da mulher e/na literatura. Seus postulados e proposições, pois, não aten-

dem, satisfatoriamente, às demandas da constituição de suas vozes literárias femininas negras. Tais considerações levam-me a inferir que práticas de apagamento da escrita feminina também atingem a literatura afrofeminina, talvez mais intensamente, uma vez que as relações desiguais agravam mais seu silenciamento, do ponto de vista étnico-racial, e não apenas de gênero (SANTIAGO, 2012, p.154).

Diante dessa realidade, escritoras negras se apropriam do discurso literário escrito de maneiras várias. Como o próprio verbo apropriar já indica, o discurso não é algo dado, mas uma ferramenta da qual elas precisam tomar posse, e, com isso, tomar um poder. A posse do discurso envolve tramas e relações de disputas e poder desde a denominação das palavras até a materialização das mesmas. Nesse jogo, a nossa pesquisa tem revelado como as escritoras têm resistido aos processos de opressão operados por crivos da raça e do gênero, e, por conseguinte, ao silenciamento de suas vozes, como dissemos e como veremos mais adiante, por meio da escrita, das táticas que criam para produzir/publicar seus textos e fazê-los circular.

Produção literária de escritoras negras: por vias alternativas e táticas

Com Mário Silva (2011) pudemos ver que uma questão levantada pelo movimento de escritores negros, nos anos 80, mais especificamente com a realização do *I Encontro Nacional de poetas e Ficcionistas negros*, ocorrido em 1985, foi a da revisão crítica do cunho etnocêntrico da indústria cultural, traduzida em bloqueio editorial para com escritores e escritoras negros(as), bem como a da ausência ou deficiência de fomento estatal para com essa literatura.

A problemática da marginalização histórica no que se refere à produção, à distribuição e ao consumo da literatura negra ainda persiste nos dias atuais, uma vez que são visíveis os impasses e as dificuldades a que escritores(as) negros(as) estão expostos(as). Estes(as) são, ao mesmo tempo, escritores(as), editores(as), divulgadores(as) e vendedores(as). Deste modo, observamos que,

segundo Silva (2011, p. 131), “[...] com contáveis exceções, todos os livros dos escritores negros são edições do autor, autofinanciadas, publicadas, distribuídas e consumidas limitadamente, sobre as quais poucos leram ou ouviram falar.”

Essa realidade, como dissemos, não mudou muito em tempos atuais, uma vez que escritores e escritoras negras precisam criar meios para produzir e fazer circular seus escritos, diante das dificuldades e impasses encontrados. Sobre isso, inclusive, Jailma Pedreira Moreira (2015) faz uma reflexão, a partir da escuta de depoimentos de escritoras, unindo essa produção cultural à própria produção subjetiva, à possibilidade de poder ser outra, por exemplo, escritora negra. A autora ainda constata a ausência de políticas públicas específicas nesse sentido. Apesar de todas essas interdições, como vemos, a produção literária negra tem buscado sobreviver, de tempos em tempos, de maneira alternativa, através de edições independentes. É o que nos revelam, mais de perto, escritoras negras baianas e seus modos de produção que investigamos.

Em entrevistas realizadas em dias e locais diferenciados, em Salvador – BA, entre dezembro de 2013 e julho de 2014, com escritoras negras baianas, que já fazem parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida, conforme Taise Souza (2015), pudemos visualizar, a partir da experiência de cada uma delas, como se configura esse mercado e como elas se veem inseridas dentro de sua dinâmica.

Jocélia Fonseca⁴ desenvolve uma escrita que tem como foco a defesa da alma fêmea, a valorização da estética e força femininas e da cultura afro-brasileira e africana. Ela afirma ter uma desconfiança em relação ao mercado editorial, pois não acha justo o funcionamento deste. Para ela o dinheiro e esforço que o autor investe não são valorizados, não havendo o merecido retorno para quem escreve, por isso ela busca operar/produzir de modo alternativo.

Tendo suas raízes de poetisa na arte teatral, foi a partir desta que construiu sua voz, expressando suas angústias, inquietações, enfim sua subjetividade em forma de poesia, aliando essa atividade da escrita à performance teatral. Jocélia Fonseca, além de escritora, é integrante do grupo *Importuno Poético*, composto por mais duas poetisas, Cléa Barbosa e Lutigarde Oliveira. Jocélia,

⁴ Escritora nascida em Juazeiro-BA, onde começou seu fazer político-poético e teatral. Reside, desde 1997, em Salvador, onde graduou-se em Letras.

em companhia deste grupo, chamado de grupo das três sereias sertanejas, expressa e expande sua voz pelas ruas do Pelourinho, hoje bairro turístico de Salvador, estendendo-a pelos recantos da Bahia em eventos, feiras, organizações, instituições, por meio da junção entre poesia, corpo, estética e performance, mostrando mais de si, da mulher negra, de sua voz e resistência. É assim, também, que, paulatinamente, a cada apresentação, a cada recital, revela sua escrita, suas poesias, sua arte. A seguir, uma amostra dessa escrita potencialmente feminina e negra:

Ser inteiramente mulher
De flores,
Espada na mão
E um espelho à frente.
Na consciência a sabedoria das matriarcas
Negras
Na bagagem a herança da atitude
Bom mesmo é ser mulher
Na plenitude da fêmea forte e bela
Com o pisar firme mesmo que de salto
Pois no salto vai-se rompendo barreiras
E esse sangue quente nas veias
É o auto-amor
Anti-capitão da selva de pedras.
(FONSECA, 2012, p. 59)

Em “Ser mulher”, o eu poético de Jocélia Fonseca desenha uma imagem positiva do sujeito feminino. Expressa-o por inteiro, em sua beleza e diversidade. É a mulher singela, de flores, e ao mesmo tempo guerreira – de espada na mão. O seu eu carrega a consciência da herança negra e feminina, talhada na atitude e na força em romper obstáculos.

Contra todo um discurso estabelecido historicamente sobre a mulher como sexo frágil, a voz poética de Jocélia Fonseca afirma suas qualidades, sua potência de ser mulher e o autoamor de ser o que é. Vida e obra mesclam-se, dando ao texto ficcional um tom biográfico. As atuações da “poetriz”, como se autodenomina, traduzem um ser que inspira a autoestima e a força de fala da mulher negra, que busca, nas brechas encontradas ou criadas no caminho, fazer ouvida uma voz, uma luta, uma forma de produção literária que instaura modos transgressores de vida.

Fátima Trinchão⁵ escreve contos, poemas e crônicas, tendo como vertente de trabalho a valorização da cultura afro-brasileira e africana, a revelação de seus mistérios e segredos, como podemos constatar em seu poema “A trama das tranças” transcrito parcialmente, a seguir:

A trama das tranças dos cabelos
das negras
Coroas que fazem rainhas,
princesas,
Cabelos bonitos,
Assaz trazem nisso,
Mistérios suaves
Profundos segredos.
E os trazem consigo
Distante no tempo
De tempos seculares,
Com elas chegaram,
Vieram ao degredo,
Trazendo consigo,
Profundos segredos.
Com seus mis ardis,
a trama da trança
transcende
tudo aquilo que
o tempo vela
e em arte
Se revela.
[...]
(TRINCHÃO)⁶

Como pudemos ver em sua poesia “A trama da trança”, Trinchão utiliza as tranças como simbologia da força e resistência milenar de tantas mulheres negras que, entre tantas tramas históricas, sociais, culturais, preservam suas origens, sua cultura, sua etnicidade. O cabelo trançado, normalmente não eleito como um padrão de beleza, é, no poema, valorizado e trabalhado, simbolicamente, como elo entre a beleza negra e as tramas históricas vivenciadas por milhares de mulheres negras ao longo do tempo.

⁵ Escritora nascida no município de Euclides da Cunha-BA, atualmente vive em Salvador, onde formou-se em Letras com Francês.

⁶ Poesia “A trama da trança” disponível em: <https://www.fatimatrinchao.net/visualizar.php?idt=2109511>. Acesso em: 17 de novembro de 2013.

Logo, o poema tece um olhar positivo sobre a mulher negra, enfatizando a autoafirmação de suas raízes.

A escritora participou de diversas antologias, sendo quatro delas publicadas pela Editora Ómnira, que trabalha em parceria com a UBESC – União Baiana de Escritores, com o intuito de prestar assessoria editorial a escritores independentes, abrindo espaço a produções literárias emergentes. Além disso, Trinchão faz parte do consórcio dos *Cadernos Negros*. Ressaltamos que os *Cadernos Negros* é um modo de produção que foi criado desde 1978, fase de redemocratização do Brasil, por escritores negros que se uniram no intuito de dividir os custos da publicação e visibilizar a literatura negra. Desde então é lançado todos os anos, alternando entre poemas e contos. Seu trabalho de organização e editoração é feito pelo Quilombhoje⁷.

Como vemos, várias iniciativas são criadas tanto por mulheres, como por produtores(as) negros(as), entre elas o sistema de consórcio tem ganhado corpo, bem como todas as formas de associação entre iguais. Uma das associações que trabalha em torno desse eixo, e da qual Fátima Trinchão faz parte, é a REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras. Entre outras finalidades a REBRA busca: a divulgação das obras das escritoras associadas – nacional e internacionalmente – por meios eletrônicos e convencionais; o desenvolvimento de projetos literários, tais como: cursos, encontros, simpósios, concursos e congressos, promovendo as publicações das escritoras; a criação, em parceria com a iniciativa privada ou com órgãos governamentais, no âmbito nacional ou internacional, de mecanismos que estimulem o mercado da literatura feminina, em particular, e da literatura em geral.

Fátima Trinchão utiliza muito o artifício da internet para fazer escoar sua produção, a autora inclusive expõe seus textos nos formatos de contos, artigos, crônicas e poesias em sua *homepage* na internet⁸. O site possui páginas de acesso ao perfil da autora; seu diário; áudios; fotos; livro de visita; livros à venda; contato e outros links. O interessante é que as informações e as produções têm a opção de serem enviadas por e-mail e, nesse processo, quem acessa o site é solicitado a indicar um amigo para

⁷ Grupo criado em São Paulo, no ano de 1980, por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros, para debater questões em torno da cultura e literatura negra.

⁸ C. f. <http://www.fatimatrinchao.net/> Acesso em: 17 de novembro de 2013.

receber também o texto, o que consideramos mais uma forma de fazer circular sua produção. Para nós, o uso da tecnologia, das suas possibilidades de reprodutibilidade e propagação, se constitui como uma tática empreendida por Trinchão para fazer circular sua produção frente ao controle, à negação da existência de uma produção feminina negra. Produção que tem muito a contribuir com o pensamento crítico, intelectual, no que concerne à apropriação da escrita pela mulher negra, enquanto sujeito que fala, que pensa, e que produz outras construções culturais, demonstrando, como nos diz Miriam Alves, que:

Mesmo não estando no circuito das edições formais, a Literatura negra percorre caminhos paralelos aos institucionalizados pela indústria cultural e distantes dos cânones acadêmicos; divulga e imortaliza não só os textos como alguns de seus autores. Ultimamente, tal atitude tem sido ampliada através do vasto território da internet (ALVES, 2010, p.48).

É também desse território que tem feito uso a escritora Rita Santana,⁹ que utiliza seu blog *Barcaças* e sua página na rede social do facebook para a divulgação de seus escritos e de outros(as) escritores(as). Santana buscou em três dos seus livros apoios institucionais. A escritora lamenta a extinção de projetos governamentais como o Prêmio Braskem Cultura e Arte,¹⁰ por meio do qual publicou seu primeiro livro, *Tramela*, e o Selo As letras da Bahia¹¹, através do qual publicou seu segundo livro, *Tratado das Veias*, uma vez que davam espaços mais abertos e democráticos a produtores menores.

Dona de uma poética rica de lirismos e imagens simbólicas, entrecortada pelo seu ser negro e feminino, Rita Santana arma-se de palavras que exprimem sua identidade, seu ser negra no mundo:

⁹ Escritora nascida no município de Ilhéus-BA, atualmente vive em outro município da Bahia: Camaçari. Formou-se em Letras com Francês. Fez Curso de Formação em História e Cultura Afro-brasileira e Africana e é pós-graduada em História Social e Cultura Afro-Brasileira. Escreve contos e poemas e também é atriz.

¹⁰ Promovido pela Fundação Casa de Jorge Amado, o Prêmio Braskem Cultura e Arte selecionava, por meio de uma comissão julgadora, produções inéditas em Música, Artes Plásticas e Literatura para patrocínio.

¹¹ Era um selo da Fundação Cultural do Estado da Bahia que publicava originais de autores(as) baianos(as), a partir de uma seleção dos manuscritos, feita por uma banca examinadora.

“ [...]”
Sou uma mulher da América Latina!
Sou uma voz diaspórica, negra!
Venho de uma África que me busca.
E o que faço é atravessar oceanos,
Decifrá-la em mim, em meu território.
Minha pena é o meu remo.
Minha pena é a minha bússola.
Minha pena é também minha nau.
[...]”
(SANTANA, 2017, p. 154)

Podemos sentir, por meio das palavras de Santana, uma voz negra que desbrava territórios vários, sempre guiada pela escrita. E essa voz tem ganhado visibilidade por meio da participação da escritora em antologias, em eventos nacionais e internacionais, entre outras táticas.

Nossa última escritora aqui apresentada é Mel Adún¹², dona de versos que longe de parâmetros e papéis convencionais atribuídos à mulher, expressam gestos de autonomia e libertação, que abalam certezas culturais, como podemos visualizar no texto a seguir, dedicado à escritora negra Cristiane Sobral e inspirados em seu poema “Não vou mais lavar os pratos”:

Não vou mais lavar os pratos,
Agradeço a Sobral
Vou ser agora meu bem, viu meu mal?
Cansei de ser você: de sonhar seus chatos sonhos
Cansei de me emperiquitar
Para encontros enfadonhos.
Agora serei meu bem,
Vou reaprender a deitar
E sonhar sonhos meus
Com as minhas cores prediletas.
Sem pensar em sentar de pernas cruzadas
Sem ligar pra depilar
Não quero baile de debutantes,
Tampouco ter filhos ou casar.
Agora vou ser meu bem, viu meu mal?

¹² É escritora, jornalista, roteirista e contadora de história. Nasceu em 26 de julho de 1978, em Washington D.C., período da ditadura militar no Brasil, da qual seus pais fugiam. Em 1984 ela chega ao Brasil, mas retorna para estudar nos Estados Unidos em 1998. Em 2001, volta a residir no Brasil, em Salvador, naturalizando-se brasileira e baiana.

Vou ser pós moderna, pelo tempo que quiser
Brilhar como Yaa Asantewaa
Vou voltar a ser mulher.
Quando um dia acordar
E lavar os pratos por vontade
E me emperiquitar por vaidade
Casar porque me apaixonei
E parir porque eu quis,
Serei para todo o sempre meu bem,
Viu meu mal?
(ADÚN, 2008, p. 90)

Para a escritora Mel Adún, sua visibilidade enquanto escritora tem acontecido por meio dos coletivos, especialmente o *O'gums Toques Negros*. Para ela o sentido de ser escritora começa ganhar forma a partir dessa vinculação. O coletivo *Ogum's toques negros* surgiu há sete anos em posts rotineiros no blog, nas redes sociais, o que resultou, no ano de 2014, no lançamento da primeira coletânea poética do grupo, que se iniciou como editora, o que nos indica a força dessa visibilização em rede.

Como vemos, a força dos coletivos ontem e hoje tem tentado mudar esse quadro de inacessibilidade às ferramentas da publicação, circulação e distribuição literárias. Assim, levando em consideração que todos nós estamos no campo do poder, mesmo que em posições diferenciadas, é preciso evidenciar as táticas que os produtores artísticos, culturais, literários, fora do centro desse mercado, criam para se fazerem vistos, reconhecidos, não somente com o intuito de vender, mas de não deixar morrer uma voz, uma luta, uma história, e, por conseguinte, ativar-disseminar uma outra produção cultural que não quer se deixar cooptar pelo homogêneo, pelo instituído, por um sistema produtivo capitalista.

Logo, as táticas surgem de dentro do sistema. A invenção se dá dentro de uma estratégia que quer homogeneizar. É no cotidiano que se dão essas práticas. As escritoras não estão fora das relações com a indústria cultural e com o mercado editorial, mas suas táticas revelam modos, usos outros que efetivam, dentro desse sistema, ao tempo que apontam perspectivas e demandas.

Amparando-nos nas ideias de Michel de Certeau (1998), entendemos que as estratégias de homogeneização e cooptação são continuadas, as táticas estão no campo da ocasião. Já que

seus livros não estampam nas prateleiras das grandes livrarias, as escritoras buscam vias alternativas de produção e distribuição, como participação em eventos culturais, em associações, em coletivos, redes de escritores, consórcios, feiras de livros, uso da Internet, entre outros, confirmando que há uma potencialidade na criatividade dessas escritoras, uma resistência a apagamentos e interdições, que não deve ser subestimada.

As escritoras negras baianas, elencadas aqui nesse texto, nos indicam alguns caminhos táticos que fomentam uma outra relação com o mercado. Com isso, fazem, nesses modos, ecoar suas vozes e seus formatos de publicação e de distribuição. Fazem ressoar também seus questionamentos contra a exclusão feminina e negra, contra um sistema etnocêntrico e patriarcal, que se esconde e se mostra em diversos lugares.

Certeau (1998) nos indica que as táticas se diferenciam das estratégias pelos tipos de operações. Esta última produz, mapeia e impõe. As táticas fazem uso desse mesmo campo estratégico, alterando-o. As estratégias são técnicas organizadoras de sistemas, aqui, diríamos, linguísticos, literários, mercadológicos, midiáticos. As táticas se infiltram e circulam dentro desses campos de poder tidos como “neutros”, “desinteressados”, para deslocá-los. Assim, apesar das medidas de interdição e repressão de vozes negras e femininas, elas têm se infiltrado no campo literário brasileiro, na sociedade e, aos poucos, de maneira alternativa, vão se difundido.

É, pois, no campo da indústria cultural balizada por uma lógica capitalista e permeada por vários dispositivos de controle e poder, que os sujeitos sociais, a exemplo das escritoras negras baianas citadas nesse texto, de forma não alienada, mas ativa, pensante, produtiva, buscam se apropriar desses próprios dispositivos, num embate de forças, no reestabelecimento de relações de poder.

Essas literaturas periféricas criam um lugar na economia da cultura, através de novas formações discursivas e de novos modos de agenciamento, que contribuem com a constituição de uma economia solidária para a literatura e a cultura. A necessidade de modos de produções que contestem e rasurem a hegemonia capitalista é importante, visto que: “O capitalismo se tornou dominante há tanto tempo que tendemos a tomá-lo como normal ou natural. O que significa que a economia de mercado deve ser competitiva em todos os sentidos [...]” (SINGER, 2006, p.7).

Para esse problema, o autor nos indica a economia solidária, como uma saída plausível para a constituição de uma sociedade pautada pela igualdade entre seus membros. O princípio básico dessa forma de produção é o da cooperação em vez da competição, ou seja, “A chave desta proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais.” (SINGER, 2006, p. 9). O resultado disso é a solidariedade e a igualdade. Observando a etimologia da palavra cooperação e às características dessa modalidade de economia, já destacadas, poderíamos dizer que a escritora Jocélia Fonseca, com suas companheiras: Lutigarde Oliveira e Clea Barbosa, do grupo *Importuno poético*, se organizam de maneira cooperativa, mesmo que não institucionalmente, uma vez que se unem, com o interesse comum de escrever, publicar e fazer circular suas poéticas, repartindo os custos e os ganhos entre si.

Nessa linha, também visualizamos, através da fala de Mel Adún, na proposta da editora *Ogum's Toques*, fios de uma economia solidária. Dessa forma, a publicação em regime cooperativo tem sido um importante veículo para dar visibilidade à literatura negra, pois o apoio de todos os integrantes a cada um, a associação entre iguais, como sinalizamos por meio de alguns exemplos nesse texto, permite que a conquista seja vivenciada através do trabalho coletivo, que não haja uns e outros e que, pela força coletiva, um tipo de produção perfure interdições.

Essa é, pois, uma das linhas criadas para tornar visível essas vozes, fazê-las ressoar dentro de um tempo e de uma sociedade modelada culturalmente de forma patriarcal, etnocêntrica e mercadológica/capitalista.

Considerações finais

Por fim, podemos constatar, a partir de grupos minoritários, como o das escritoras negras desta pesquisa, a tessitura de uma produção baseada na cooperação entre iguais, entre sujeitos marginalizados historicamente, mas que buscam produzir com as ferramentas que possuem, como o trabalho em edições coletivas, como as realizadas por tantos escritores e escritoras negras.

Verificamos ainda que a economia pautada pelos eixos da criatividade e da solidariedade permite gerar renda, mesmo que mínima, para os grupos subalternos, por meio de suas atividades

artísticas e culturais. Mas, para além do intuito de uma indústria cultural mercadológica, que visa apenas as vendas e o lucro, as escritoras negras querem infundir suas vozes como forma de intervenção social, cultural e política em prol do respeito às alteridades, em prol de outras possibilidades de vida.

Enfim, com esta reflexão, aliando literatura e cultura, retomamos Jonathan Culler (1999), quando este, ao trazer a genealogia dos estudos culturais, nos leva a perceber que tais estudos tinham interesse em produções que ficaram de fora de um sistema literário, tinham interesse em estudar produções de sujeitos excluídos dos meios de produção. O que, como vimos, pela mostra aqui trazida, da situação que envolve negros, mulheres, escritoras negras baianas, contradiz essa nulidade apregoada a subalternos, ratificando, com as proposições apontadas por tais sujeitos, a importância de investigações neste campo, que ampliem o estético e a literariedade.

Para tanto, em vez de somente restabelecermos o desconforto diante da sensação de que a crítica literária, como foi estruturada até então, não dá conta das novas produções e suas proposições, cremos que se deva pensar em uma revitalização desta, uma ressignificação a partir da demanda que se impõe de uma autocrítica. Isso quer dizer que os modos de produção de escritoras negras baianas solicitam uma revisão dos parâmetros da teoria e crítica literárias, um olhar que procure ver e desconstruir as marcas de gênero, raça, classe, frente a um mercado, uma cultura capitalista, que se naturalizou em nosso cotidiano.

Assim, sem querer, por outro lado, endossar um essencialismo, ao passar a ideia da afirmação-apreciação de toda escrita produzida por mulheres negras, o que nos propomos, com os modos de produção aqui analisados, é pôr em questão, no mínimo, um valor estético universal fixado para a teoria e crítica literária, que não considera-questiona contextos culturais de produções discursivas, inclusive da própria crítica. Por fim, questionar um sistema patriarcal, capitalista, etnocêntrico que demarca nossos modos de viver, de olhar, apontando para tensões, interdições, demandas e outras possibilidades.

É isso que, de certa forma, reflexões como a de Jailma Moreira (2015), Ana Rita Santiago (2010) e Eduardo Duarte (2005) apontam. Duarte (2005) reforça que sempre houve impedimentos

vários, mas também sempre existiu a presença constante, em todos os campos artísticos, do trabalho dos afro-brasileiros. Santiago (2012) e Moreira (2015) reafirmam a intersecção, nesses impeditivos, entre gênero, raça, classe e região, e isso para nós é bem oportuno, pois, neste caso, estamos falando de mulheres negras baianas/nordestinas que não são ricas. Assim, como deixa claro Santiago (2010), apesar desses apagamentos intercalados, de uma ausência na considerada grande cena literária, tais escritoras escrevem, publicam e tensionam as interdições de suas vozes, abalando, diríamos, as estruturas culturais e subjetivas, não somente através do que escrevem, mas também, e este foi o nosso destaque, através de seus modos, suas táticas de produção e circulação de suas vozes, de seus textos, que, nessa simbiose, se configuram, de fato, em outras poéticas de vida para mulheres negras e para todos que vivem sob a égide naturalizada de uma cultura patriarcal/etnocêntrica/capitalista.

Uma outra economia, coletiva/cooperativa/solidária, é encenada por essas escritoras nessa trama, como nos disse Fátima Trinchão; convidando-nos a ouvir-ler-considerar a sabedoria de mulheres negras, como lembrou Jocélia Fonseca, e a performatizar, nessa relação dialógica como propõe Mel Adún, a nossa autonomia e libertação. Enfim, um convite, como nos resumiu Rita Santana, a seguir essa nau dessa escrita, dessas escritoras, a observar seus modos, suas táticas de produção e circulação de seus textos, o remo que usam/mobilizam para abrir outras águas da existência.

Referências

ADÚN, M. Paradoxo. In: Quilombhoje (Org.). **Cadernos negros**: Poemas afro-brasileiros. Vol. 31. São Paulo: Quilombhoje, 2008, p. 90.

ALVES, M. **Brasilafró autorrevelado**: Literatura Brasileira contemporânea. Belo horizonte: Nandyala, 2010.

CERTEAU, M. de. Fazer com: Usos e táticas. In: CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 91-103.

CULLER, J. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca Produções culturais Ltda, 1999.

DUARTE, E. de A. Literatura e Afrodescendência. In: DUARTE, E. de A. **Literatura, política, identidades**: ensaios. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005, p. 113-131.

FONSECA, J. Ser mulher. In: FONSECA, Jocélia et. al. **Importuno Poético**. Edições Revoluo: Salvador, 2012, p. 59.

JAMESON, F. A lógica cultural do capitalismo tardio, In: JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 2004, p. 27-79.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MOREIRA, J. dos S. P. A produção de autoria feminina através da Editora Mulheres: entrevista com Zahidé Muzart. **Revista Pontos de Interrogação – A produção de autoria feminina – vol. 2, n. 1, jan./jun. 2012, p. 315-320**. Disponível em: <http://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1546> Acesso em: 05 de abr. 2009.

MOREIRA, J. dos S. P. Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais. **Revista Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 7, n. 13, p. 71-88, 2015.

MUZART, Z. L. História da Editora Mulheres. In.: **Revista estudos feministas**. [online-scielo], set.-dez. vol.12, 2004, p.103-105. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000300011 Acesso em 05 de abr. 2009.

SAHLINS, M. La Pensée Bourgeoise: a sociedade ocidental enquanto cultura. In: **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003. P. 185-242.

SANTANA, R. Panfleto para Pirilampos e Magnólias. In: GALDINO, Daniela (Org.). **Profundanças 2**. Ipiaú: Voo Audiovisual, 2017. Disponível em: <http://vooaudiovisual.com.br/projects/profundancias2/> Acesso em: 10 de jul. 2018.

SANTIAGO, A. R. **Vozes literárias de escritoras negras baianas**: identidades, escrita, cuidado e memórias de si/Nós em cena. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010.

SANTIAGO, A. R. **Vozes literárias de escritoras negras**. UFRB, Cruz das Almas-BR, 2012.

SCHIMIDT, A. Breve história da literatura negra. In: **Musa Calíope**: Revista eletrônica internacional de Literatura e poesia. 4. ed. nov - dez 2011, vol.1, p. 24-27. Disponível em: http://issuu.com/icsdobrasil/docs/musa_caliope_ed4_volume_i Acesso em 27 de jun. de 2014.

SILVA, M. A. M. d. Literatura negra como literatura marginal: Brasil, 1980. In. FERREIRA, Elio; MENDES, Algemira de Macedo (Orgs). **Literatura afrodescendente**: memória e construção de identidades. São Paulo: Quilombhoje, 2011.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

SOUZA, T. C. dos S. P. **Modos de produção, publicação e circulação de textos de escritoras negras baianas**. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) – Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2015.